

Núcleo mantém viva a memória da Cidade Livre

Socorro Ramalho

Entre casarões de linhas arrojadas, barracões do marco histórico da construção de Brasília permanecem de pé na antiga Cidade Livre, criada provisoriamente em 1956 para abrigar pioneiros e suas famílias, que trabalharam na construção de Brasília. Aos poucos, a Cidade Livre, pelo caráter precário de suas construções foi cedendo lugar ao Movimento Pró-Fixação do Núcleo Bandeirante, efetivado com a Lei 4.020, de 20 de dezembro de 1961. Desde então, surgiu uma nova cidade que ainda hoje preserva sua história, contada por aqueles que acompanharam de perto o nascimento da Cidade da República.

As margens da BR-040, pela qual desembocam turistas do sudeste do País, o Núcleo Bandeirante é uma cidade de contrastes, que um observador mais atento percebe assim que pisa na Avenida Central, a primeira do Bandeirante e a mais movimentada da época da Cidade Livre, que segundo os pioneiros, recebeu este nome devido às livres negociações comerciais realizadas no local. É nesta avenida que resiste o antigo barracão do Toy Clube de Brasília.

Debruçada na janela, de onde aprecia uma "visão panorâmica", segundo justifica, a mineira de Patos de Minas, Sebastiana Nunes Rodrigues, de 50 anos, conta que há 28 transformou o local em sua residência, inicialmente provisória. "O Toy Clube era um lugar para os que gostavam de dançar, depois foi transformado na Papelaria Reis e por fim, virou a minha casa", conta a pioneira, que ainda hoje reside com o marido e as três filhas no barracão de três quartos.



O lote de Sebastiana Rodrigues está garantido, segundo ela, porque o barracão precisa ser desapropriado, no entanto, a iminência da mudança deixa uma das moradoras mais antigas com um certo pesar, conforme explica ao lembrar que foi no barracão do ex-club de dança que criou as filhas. "Vou sentir muita falta dessa janela, de onde tenho uma visão bonita da cidade", se resseente a pioneira que ganha a vida como manicure.

Crescimento — Com 35 anos de idade, o Núcleo Bandeirante hoje compreende uma área de aproximadamente 200 quilômetros quadrados, composto pelo Setor de Mansões Park Way, Metropolitana, Candangolândia, Riacho Fundo e áreas rurais, que abrigam cerca de 60 habitantes, incluindo a população rural. Foi nessa extensão que José da Cruz Ferreira Irmão, um pernambucano com 56 anos, mais conhecido entre os moradores pelo apelido de "pequeno", iniciou seu primeiro comércio de hortigranjeiros por atacado, em 1956.

O comerciante, hoje funcionário da Administração do Bandeirante, participou da fundação da primeira Associação Comercial do DF, segundo conta e assegura que "foi muito difícil transformar o que existia na antiga Cidade Livre no Núcleo Bandeirante dos dias de hoje".

Diante da atual malha urbana do Bandeirante, onde encontram-se em fase de implantação os setores de Gemologia e Eletroeletrônica, com 196 lotes e mais o armazenamento, Indústria e Abastecimento, com mais de 400 lotes, o ex-comerciante se empolga: quem vê tudo isso não tem idéia de como parecia impossível, naquele tempo, construir a cidade que os habitantes mais novos do Banderiante têm o privilégio de morar.

CARLOS MOURA



Além de um amplo comércio o Núcleo Bandeirante conta com uma pequena indústria e agricultura, que compõem o seu sistema produtivo